Parte 1 – Facebook potenciais sociotécnicos e educacionais, espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença

Uma proposta de uso das redes sociais digitais em atividades de ensino e aprendizagem: o Facebook como espaço virtual de usos socioeducacionais singulares

Cristiane de Magalhães Porto
Edilberto Marcelino da Gama Neto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PORTO, CM., and GAMA NETO, EM. Uma proposta de uso das redes sociais digitais em atividades de ensino e aprendizagem: o Facebook como espaço virtual de usos socioeducacionais singulares. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 131-148. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Uma proposta de uso das redes sociais digitais em atividades de ensino e aprendizagem

o Facebook como espaço virtual de usos
socioeducacionais singulares

Cristiane de Magalhães Porto

Edilberto Marcelino da Gama Neto

Introdução

Observamos que as formações estruturais na sociedade mundializada sofrem modificações com tanta constância que as dimensões humanas e suas definições acabam por carecer de atualizações. Dentre elas, o *modus educandi* – é necessário buscar perspectivas, caracteres, elementos e conceitos do contexto mais atual dos usos que o construíram.

A tecnologia da informação transpõe as condições históricas e materiais, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, influenciada por elas, para converter-se em usos sociais e socioeducacionais. Tal abordagem serve-se das ideias alguns teóricos como ponto de apoio ao enriquecimento do debate sobre o desenvolvimento de um *modus educandi* co-humanamente virtualizado. A pesquisa deriva de fontes bibliográficas e, principalmente, digitais e audiovisuais em meio virtual, com método dedutivo argumentativo.

Apresenta-se neste texto a possibilidade de uso da rede social Facebook em sala de aula como espaço virtual passível de suportar/constituir propostas de ensino e aprendizagem. A proposta é a apropriação do Facebook na forma de instrumentos conceituais que podem redefini-lo em usos socioeducacionais singulares.

A discussão realiza-se com base em alguns teóricos que discorrem acerca do lugar de onde devem partir as leituras e o conhecimento a ser buscado pelos aprendizes. Delineamos com a descrição do aluno atual e, ainda, sobre a experiência do estar em relação. A pesquisa sustenta-se em fontes bibliográficas e, principalmente, digitais e audiovisuais em meio virtual, com método dedutivo argumentativo.

Inicialmente será discutida a forma como os impactos tecnológicos devem ser pensados no cenário social e educacional, dentro dessa tendência de multiplicação dos usos das redes sociais digitais na Educação. Não obstante, a importância da transformação do capital numa sociedade capitalista, é preciso viver co-humanamente a cultura, e, para isso, as relações.

Os conceitos que nascem do vitalismo social por meio de usos avalizados pela condição do estar em relação acabam por torna-se objetos/instrumentos manipulados virtualmente. Com base neles, criou-se a proposta de pensar o desenrolar das relações que mediarão o “aprender a aprender” a partir da indagação: De que forma você está pensando o assunto agora?

Será, evidenciado, também, como tal proposta deve ser incorporada pelo corpo discente, do qual o professor faz parte como um dos incorporadores de *modus*/formas de ser no meio virtual, como os demais alunos. Por fim, na conclusão é oferecida a descrição da vivência pretendida com a incorporação da rede social digital Facebook às práticas de sala de aula.

Educação com o fenômeno social: breve apanhado

As transformações são tecnológicas, econômicas e socioestruturais. Porém, cada esfera atua, ao mesmo tempo, como agente produtor e experienciador de si própria e das demais. E a incipiente participação e coesão dos grupos de indivíduos nos processos, além de pesar em matéria de atendimento e seção de necessidades, é irrevogável do ponto de vista da consecução do incremento da trajetória do desenvolvimento social.

Como a sociedade mundializada é capitalista, já que se engendra mundos e formas capitalistas de ser, o percurso corresponde ao do processo de produção de riquezas. Por isso, há uma busca por perspectivas mais humanizadas nas práticas sociais, as quais possibilitem integração efetiva dos indivíduos. Nas palavras de Santos (2009, p. 21):

[...] a globalização da comunicação viabiliza a disseminação rápida de informações e o acesso às tecnologias a quantidade crescente de pessoas em qualquer parte do planeta. [...] a apropriação da tecnologia software que possibilitam criação de sites ou blogs, aparelhos de gravação e edição audiovisual, suportes (como o CD-ROM e o play multimídia) e equipamentos, a exemplo da câmera digital e telefone celular – por indivíduos ou grupos organizados, que se tornam produtores e disseminadores de informação e da cultura.

Esse estado de coisas, longe de ter sido transferido para o campo educacional, está nele alocado. Os ministérios (educação, transportes, saúde etc.) compõem faces de uma mesma realidade que é definida pelo conjunto da sociedade.

Dentre essas definições, em constante renovação, está o desenvolvimento de um *modus educandi* cujos caracteres, elementos e conceitos advenham dessa sociedade.

Segundo Serres (2013, p. 18-19):

Nós, adultos, transformamos nossa sociedade do espetáculo em sociedade pedagógica, cuja concorrência esmagadora, orgulhosamente inculta, ofusca a escola e a universidade. Pelo tempo de exposição de que dispõe, pelo poder de sedução e pela importância que tem, a mídia há muito tempo assumiu a função do ensino.

O ciclo sociedade – mídia influencia a forma com que os alunos aprendem. Se for levado em consideração o método construtivista, aplicado em muitas escolas de ensino fundamental, a criança aprende a ler os signos comerciais, pois estão presentes de forma latente em seu cotidiano, como se lesse um signo do alfabeto. O professor apresenta o símbolo do Banco do Brasil às crianças, por exemplo, e as explica que aquelas formas indicam Banco do Brasil, ao sair com seus pais, a cada aparição da marca do banco a criança apontará e dirá que aquele é o Banco do Brasil.

Essa função não é exclusividade do professor construtivista, mas o mundo publicitário massifica em tamanha demasia as informações que, as repetições educam essas crianças e cumprem o mesmo objetivo do profissional construtivista que ministra aulas ao pré-escolar.

O ciclo influencia também aos alfabetizados, que ao se deparar várias vezes com estrangeirismos, falsos cognatos ou palavras estilizadas nas mídias, tendem à incorporar à sua bagagem. O próprio Michel Serres (2013) apresenta casos na França, onde os alunos desconhecem a palavra *relais*, existente em seu dicionário, mas reconhece palavra relay, por ser o nome de uma grande rede de venda de livros, jornais e revistas instaladas nos metrô, estações de trem e aeroportos da cidade.

Abandonar as fórmulas imutáveis para achar os meios requer participação, elaboração, controle e avaliação das atividades e práticas discursivas. É dessa forma que se tem a construção crítica de

conhecimentos específicos, necessários a cada aprendiz em separado. Ainda, essa configuração não garante, de si, competência. Também, nesse caso, é *mister* trabalhar com engenho e guardar as condições mais propícias.

Existem os que não enxergam nada de desconexo com modelo anterior, defendendo apenas a necessidade de pequenos ajustes. Ocorre que algumas formas de organização social, como a família, modificaram-se e a educação sempre esteve de alguma forma ligada a estas.

Outrora, a educação era transferida para o indivíduo por meio da família e da comunidade. Compunha-se de costumes, hábitos, crenças, habilidades, organização social e do trabalho, nas trocas e experimentações. Aos poucos, as estruturas tornaram-se mais complexas – a densidade das relações entre o núcleo familiar e seu entorno foi paulatinamente intensificada e, com ela, as obrigações e responsabilidades. Daí, a criação de instituições, como a escola, para repassar os conhecimentos produzidos para os jovens.

No encontro dos campos do conhecimento, há uma málgama em constante ressignificação, mas nem sempre completamente reestruturado:

- **Amálgama dos conjuntos de conhecimentos produzidos pelos indivíduos**

Fonte: Figura elaborada pelos autores.

As academias, congregações e o próprio indivíduo passaram a constituir conjuntos, cada vez mais, abertos ao social, em lugar dos mundos isolados. As capacidades e competências incluem agora atributos para uma participação social produtiva, com base em *Os códigos da Modernidade*, de Toro (1997):

- Converter problemas em oportunidades;
- Defender os interesses da coletividade e solucionar problemas por meio de interações dialógicas, com base em regras, leis e normas sociais;
- Criar unidade de propósitos a partir das diversidades e da diferença, sem jamais confundir unidade com uniformidade;
- Ser crítico com a informação;
- Ter capacidade para localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada;
- Ter capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo.

É imprescindível incorporar:

O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica e pedagogicamente, capenga. [...] não devo apenas ensinar biologia, como se o fenômeno vital pudesse ser compreendido fora da trama histórico-social, cultural e política. Como se a vida, a pura vida pudesse ser vivida de maneira igual em todas as suas dimensões, na favela, no cortiço ou numa zona feliz dos jardins de São Paulo [...] devo ensinar biologia, mas, ao fazê-lo, não posso seccioná-la daquela trama. (FREIRE, 1992, p. 41).

Pedro, aluno hipotético, aprende a adequar as informações que transitam pela sala de aula às suas necessidades. Para interagir com os demais, participa dos jogos, atividades de lazer, desempenha tarefas, cultiva círculos de afinidades, enfim, gradativamente, constrói-se na co-humanidade como indivíduo em separado. Um processo, ao mesmo tempo, individual e coletivo.

Para oferecer uma vista do que isso significa, em termos de articulação de instrumentos, conceitos e conhecimentos, em sala de aula, pode-se citar o vídeo “Tecnologia ou Metodologia”, veiculado na rede social Youtube. Nele, são exibidas duas situações, o antes e o depois da entrada das Tecnologias da Informação e Comunicação na escola:

- a) Uma sala de aula onde a professora lê a tabuada na lousa (no quadro negro) analógica e os alunos a repetem para memorizar as informações;
- b) Os protagonistas do primeiro momento desenvolvem a mesma dinâmica, porém, numa sala de atmosfera e objetos de tecnologia avançada, como a lousa digital.

O desacordo exposto na animação não é infraestrutural. Mas, estrutural, e está presente desde o momento do projeto/iniciativa de implantação das tecnologias educacionais.

A proposta era trazê-las para o contexto educacional daquela escola específica, e assim acrescentar elementos pertencentes à topografia das realidades que estão do outro lado dos muros.

Os desafios são colocados, em lugar de sentidos ou percebidos, e por isso requerem raciocínio que não tem por base a reflexão a partir do mundo. Trata-se de situações concisas e bem definidas, todavia falta ser uma objetividade possível – o contexto que emerge com todas as suas peculiaridades, contradições, urgências e alteridades.

O ideal seria importar as relações para tornar as fronteiras mais fluidas e moventes. Isto é, trazer as ferramentas (tecnológicas) por

meio dos conceitos. Essa prática é bem remota, está presente desde a Antiguidade. O ábaco, aquela moldura retangular, com arames, nos quais correm pequenas bolas, e empregada para ensinar alguém a efetuar operações algébricas elementares, é um exemplo simplório e coerente disso. Sua forma, tamanho e disposição correspondiam a usos sociais singulares como tradução do desenvolvimento cognitivo e intelectual dos viventes aprendizes.

O espaço da sala de aula é privilegiado porque as situações são pensadas para a veiculação de conteúdos específicos. No entanto, visto que o social fervilha, pois a partir dele e para ele conceitos são vendidos e consumidos na forma de produtos, esta se torna mais uma vez a cultura da escola.

Claramente, é errôneo considerar que uma instituição não estaria integrada a dinâmica social, pois até mesmo as de práticas ilícitas se servem dela para funcionar. Logo, também é lúcido perceber a inexistência de vivência democrática e co-humana da cultura em uma cultura já pronta e acabada. Ela, a vivência democrática da cultura, é o caminho histórico-social percorrido pelos indivíduos.

FACEBOOK: usos socioeducacionais singulares

Os alunos da escola atual são a geração play – da era pós-PC, músicas, vídeos, notícias, jogos e interação, deixaram de ser atividades armazenadas em pilhas, gavetas e estantes; com alguns plays, tudo isso pode ser obtido e compartilhado na nuvem (internet).

Esses alunos, segundo Serres (2013, p. 19)

[...] habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais que o uso do livro, do quadro negro ou do caderno. Essas crianças podem

manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não têm mais a mesma cabeça.

O próprio espaço público está mais vibrante, são prédios, ruas e até pessoas impregnados de informações virtuais: os letreiros veiculam realidades aumentadas; as paredes de hotéis e cafés exibem as notícias da última hora; e os celulares, conectados ao Facebook das empresas, apresentam demandas e críticas dos gestores e funcionários.

A rede é o próprio movimento associativo que forma o social. Ela é circulação, a inscrição de influências e actantes sobre actantes, tradução, mediação até a sua estabilização como caixa-preta. A rede constitui o espaço e o tempo na mobilidade das traduções e na fixação de estabilizações e pontuações. (LEMOS, 2013, p. 53-54).

A forma de experimentar os espaços e objetos mudou. Significa que os alunos deixaram de passar grande parte do dia, buscando informações, para, em vez disso, serem indivíduos interconectados por elas. Por isso, resta pensar no uso dessas redes sociais online para reconfigurar a forma de conhecer nas salas de aula.

A palavra rede tem origem latina e foi criada no século VIII. Significa entrelaçado de fios, de espessura e materiais diversos, formando um tecido de malhas com espaçamentos regulares (HOUSSAIS, 2009). Alude a um grupo ou de conjuntos de indivíduos, os quais estão unidos por relações de comutação, troca e transformações, cujas raízes são sociais, culturais, econômicas

e políticas. Esses grupos existem de forma inevitável devido às demandas emergentes nos espaços.

Nem todos participam, porém estão ligados a elas por algum modo. Huberman (apud FERNANDES, 2011, p. 1) esclarece esta ideia quando expõe a noção de compartilhamento, nas redes sociais *online*, onde poucos contatos interagem, em razão, talvez, de a atenção não ser uma característica de uma parte significativa dos usuários da Web. Aqui, atenção está no sentido de tempo dispensado a outrem.

O que ocorre é o *feedback*: “As redes sociais na web emergem das práticas de interação orientadas para a partilha e formação de grupos de interesses que estão na origem das narrativas digitais da Sociedade do Conhecimento” (BARROS; NEVES; SEABRA, [et. al] apud FERNANDES, 2011, p. 1).

Contexto de interação é o grupo, comunidade ou *hangout* definido na própria estrutura da rede como um *label* vinculado aos interesses em centro. Como os demais elementos no meio virtual, é fluído e efêmero. Fluído porque se adéqua aos modelos organizacionais (humanos, empresariais, institucionais). E efêmero em consequência da urgência dos acordos e reestruturações.

O Facebook, ambiente alvo deste trabalho, é uma rede social online criada com o objetivo de suscitar a participação ou, ao menos, a impressão de um coletivo que apreende os movimentos (vivências) em união – conviver à distância –, a sugestão confirma: “O que você está fazendo agora?” Um perfil a ser preenchido e, embora não haja um avatar em 3D, apresenta gostos, manias, vícios, relações e até modelos de Inteligência.

Segundo dados divulgados pela empresa de estatísticas de mídias sociais *Socialbakers* (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013), o Brasil é país que mais cresceu no Facebook em 2012. É um dos países, no mundo, com maior número de contas e usuários ativos. Esse dado relaciona-se com a quantidade de aparelhos e plataformas disponíveis para o uso da rede. Mas, não apenas isso, os sistemas de interação, os valores, padrões culturais, e a própria organização espacial

tornou-se digital; a reunião desses fatores, sem excluir o progresso técnico/tecnológico, influenciou diversamente a forma como as pessoas apropriam/reagem aos impactos gerados em suas vidas.

Conforme a classe social e circunstâncias de convívio: enclausuram-se em escritórios particulares, montam iniciativas para elevar padrões de sociabilidade, dentro e fora do escopo das instituições educacionais, dentre outras.

Fazer parte da rede implica crer que as possibilidades de saber, conhecer, informar, compartilhar e ser, valem a mudança de papéis e, até mesmo, a aceitação das dificuldades. Nesse momento, surgiu o que Freitas (2004) citado por Fernandes, (2011, p. 1) chamou de “Sociedades Aprendentes”, e, com ela, a web 2.0: um conjunto de aplicativos para reescrever a forma como as pessoas se interrelacionam e produzem soluções para seus problemas.

A questão em foco é mais conectiva que a forma como a mensagem chega ao destinatário – escrita instantânea, transmissão em tempo real –, ou os múltiplos canais por onde se dá. A relevância está em como se “pensa em fazer”, as mentes encontraram outros caminhos.

A proposta aqui exposta, em relação ao uso do Facebook em sala de aula, é entender a pergunta “O que você está fazendo agora?” como: De que forma você está pensando aquele assunto agora? O trajeto pelo qual o pensamento viaja diz das possibilidades de conhecer. A partir dele, o professor indica ao aluno a natureza das mediações que serão melhor aproveitadas por ele.

Um tipo de abordagem pedagógica para cada aluno e todas, partindo do mesmo professor. Isto é, elaboradas do começo ao fim pelo regente da disciplina. Com certeza, não é sinônimo de liberdade ou universalidade. A ideia é acessar o pensamento de especialistas/estudiosos, colocar os alunos em contato com pares que apreendem o mundo de forma semelhante a eles.

Como colocar isso em sala de aula? Sendo corpo e perfil da proposta. Devemos contar com a rede para montar os perfis do corpo discente, do qual o docente também faz parte. Porém, não é

uma receita de bolo, onde a rede social é uma panela; e os alunos, os ingredientes. Os perfis vão sendo construídos e modificados ao longo das interações, participações e contribuições.

Reducionista é a intenção de contar com a rede e seus contatos para fornecer o encaixe perfeito de discussões e proposituras, ou mesmo a colaboração ideal, para o contexto educacional (escolar), quando o pensamento atual indica o “status das formações”.

Ensinar o que é Educação compartilhada, veiculando no grupo fechado da turma do 8º ano do Ensino Fundamental, o vídeo “Aprendizagem colaborativa” será atrativo e novo. Os termos “buscar”, “compartilhar”, “conviver” são atrelados, na animação, ao tema central e título.

Da mesma forma, um tema da disciplina de Geografia, mostrado com um software de simulação; e um de Português, com a apresentação, em tempo real, do espetáculo “Opera Halls”, por uma página web curtida pelo grupo do Facebook, serão bastante esclarecedores.

No entanto, não conterão, em termos de modelo que orienta o desenvolvimento posterior de pesquisas, nada de diferente das antigas visitas aos observatórios, aos teatros ou das associações de conceitos feitas em cartazes ilustrativos pregados no “quadro negro”. Traduz-se em observar realidades pela lente de uma suprarrealidade (os softwares), seguindo por caminhos previamente traçados por num plano de Unidade escolar.

Diferente é ser levado pela corrente “Facebook”, por meio de usos **compartilhados** pelos contatos (conviver), a **buscar caminhos** (notícias, artigos, jogos educativos, fotografias, vídeos) para saber e aprender/influenciar a conhecer (blogs, fóruns, rádios online, portais, outras redes online etc.).

O livro tende a ser retirado do papel de compêndio onde estão contidas as noções fundamentais e essenciais para conhecer. Essa função, em breve, ficará restrita aos manuais técnicos. Nos demais territórios das ciências, os alunos deixarão de reproduzir as

verdades estáveis – as mais aceitas pelas comunidades acadêmicas – para tomá-las como ato de interação favorável.

Michel Serres (2013, p. 43), apresenta uma comparação entre as formas de utilização do conhecimento entre os alunos do período analógico e os alunos conectados, ao afirmar que seus alunos mais antigos apresentavam o seu saber em “notas de pé de página e em densas bibliografias de livros”, enquanto que os alunos mais recentes o bombardeia com e-mails. Com essa alegação, Serres demonstra que o aluno atual não se debruça mais sobre os livros e se preocupam em guardar suas informações no seu cérebro, esse novo espécime guarda o seu conhecimento em seus eletrônicos, que os acompanha de tal forma que pode ser considerado como uma parte de seu corpo.

O problema é que se tratam de explicações próprias de determinados contextos, e não faz sentido ficar memorizando. Na verdade, são caminhos prontos, por meio dos quais objetiva-se a chegada do aluno ao estágio de desenvolvimento intelectual adequado para a sociedade mundializada na qual está imerso.

Por que esse processo não vai mais dar certo? A própria configuração do contexto sociocultural modificou os graus de alteridade das relações (de produção, interpessoais, trabalhistas etc.). Isso ocorreu à proporção que as pessoas foram modificadas pelo surgimento de novas demandas e extinção das inadequadas ao cenário dos acontecimentos.

Assim, é inviável se cercar de estudos sobre a realidade e esquecer de aprender a conhecer por intermédio dessa mesma realidade. Uma lente que é ao mesmo tempo objeto de observação. Quem busca apropriar-se, precisa estar através dela, para fazer vir a clareza, tornar inteligíveis as intenções, o tempo e os modos pelos quais ela está sendo apropriada.

Em consonância com esse raciocínio, a pergunta referenciada no Facebook, se importada/ajustada ao objetivo de ensinar a aprender a aprender, adequa-se como uma proposta a partir da tecnologia para pessoas numa realidade tecnológica.

O ciberespaço coloca em relação, salta sobre o tempo e o espaço, para agregar socialmente. Não em razão de a tecnologia facilitar as comunicações, mas porque une os universos simbólicos que o homem engendra: De que forma você está fazendo agora?

A metáfora da teia de informações, como imagem do ciberespaço, e as interfaces gráficas são alegorias/representações cognitivas para buscar informações (navegar). Por isso, diz-se que o ciberespaço é o lugar da racionalidade tecnológica e do vitalismo social (LEMOS, 2002, p. 138). Ou seja, da manipulação virtual de dados e informações que estão encapsulados em estruturas informacionais (imagens, mapas, programas), virtualizar é abstrair.

Como ilustração, Lemos (2002, p. 140) cita a Agnose, do grego, ligado ao conhecimento de Deus, uma técnica ou forma de manipulação de informações (nomes secretos, códigos etc.), que aparece como forma de esoterismo e novas tecnologias, uma forma de apropriar-se da movente cibersociedade:

Como define um tecnopagão ‘viver on-line faz parte da minha prática diária [...] é um tipo de experiência eremita, como entrar numa caverna’. [...]. Eles incorporam estes valores [espiritualidade, teosofia, hermetismo] à cibercultura, atualizando o movimento da contracultura, aceitando a tecnologia. No entanto, esta aceitação não se dá de forma simplesmente conformista. Eles implantam, [...], um ciber-psicodelismo, valorizando a utilização comunitária e espiritual das novas tecnologias. (LEMOS, 2002, p. 140).

O mesmo autor, ainda, fala dessa experiência de estar em relação virtualmente como um rito de passagem obrigatório para os cidadãos da cibercultura. Isto é, a entrada em um novo modus/forma de ser/estar, fenômeno que, no campo biológico, tende a ocorrer naturalmente, como a adolescência.

Em termos socioeducacionais, *ser*, do latim *sedere* (FERREIRA, 1999, p. 1841), significa sentar-se com formas de *esse*, para ligar *modus*/formas de estar, aprender, comunicar e trabalhar. Nesse momento, deixa-se de falar em informação, e principia a atividade do professor, a de formação na teia da informação – a forma pela qual se constituem as mentalidades, o conhecimento profissional, o conjunto de traços e atributos que se é tratado nos indivíduos.

À guisa das inclusões

Ao observar o Pedro, o aluno hipotético, na tentativa de compreender a sua realidade e seu mundo a fim de alcançá-lo e fornecer o seu saber, o professor precisa se dedicar e se inserir no mundo em que vive esse aluno e tentar alcançar a lógica do seu raciocínio. O estudante contemporâneo possui todo o conhecimento à sua disposição no momento em que ele precisar, basta estar conectado à internet.

Com essa informação em mãos, o professor precisa deixar de se considerar um “emissor do saber” e se tornar um mediador do conhecimento. Ele passa a ser um elemento tão necessário quando o aluno, a informação e o dispositivo utilizado. Ou seja, há uma descentralização do discurso por meio de uma dinâmica da informação que se caracteriza também, pela multiplicidade de direções. E ainda das múltiplas maneiras que o mesmo assunto pode ser tratado, fazendo com que a por meio da rede se estabeleça uma cibercultura recombinate caracterizada pela velocidade que as informações circulam.

A proposta oferecida aqui é o uso da rede social Facebook para colocar o aluno em relação, por meio das próprias afinidades que emergem de campos de estudos específicos: a) a conversa deixa de ser um bate-papo qualquer para se tornar atitude colaborativa, e compromissada; b) os arquivos veiculados são pesquisas direcionadas a propósitos definidos, e de validade metodológica; c)

a discussão envolve pares específicos, todavia, compromete-se com os interesses da práxis social.

A pesquisa como princípio educativo nos níveis mais iniciais da aprendizagem tem na observação/demonstração, o repasse imitativo de um trabalho, pois quem almeja conhecer cultiva o espírito aventureiro, toma para si os caminhos atuais para assim buscar possibilidades – avançar.

Essa busca não pretende abarcar tudo o que está disponível no meio virtual, mesmo se for restringida a um único eixo. A exuberância é contornada pelo caminho que se faz ao andar. A mediação pedagógica adequa-se à rede social justamente por ser esta múltipla em suas formas de apossar-se/investigar os conteúdos, de aprender a aprender.

Referências

FERNANDES, Luís. **Redes Sociais Online e Educação:** Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes, 2011. Disponível em: http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf. Acesso em: ago. de 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, J. Internet na Educação – Contributo para a construção de redes educativas com suporte comportamental. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Faculdade de Ciências e Tecnologias – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2004. In: FERNANDES, Luís. **Redes Sociais Online e Educação:** Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais

de Aprendentes, 2011. Disponível em: <http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf>. Acesso realizado em: ago. de 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Com 30 milhões de ovos usuá-
rios, BrASIL FOI o país que mais cresceu no Facebook
em 2012**. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/
tec/1219239-com-30-milhoes-de-novos-usuarios-brasil-foi-o-
-pais-que-mais-cresceu-no-facebook-em-2012.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/tec/1219239-com-30-milhoes-de-novos-usuarios-brasil-foi-o-pais-que-mais-cresceu-no-facebook-em-2012.shtml)>. Publicado
em: 23 jan. de 2013. Acesso em: ago. 2013.

HOUSSAIS, Antônio. **Dicionário eletrônico de língua por-
tuguesa 3.0**. Instituto Antônio Houssais. São Paulo: Objetiva,
2009. 1 CD-ROM.

HUBERMAN, B.A.; ROMERO, D.M.; WU, F. Social Networks
That Matter: Twitter Under The Microscope, First Monday,
vol. 14, no. 1, 2008. In: FERNANDES, Luís. **Redes Sociais
Online e Educação**: Contributo do Facebook no Contexto
das Comunidades Virtuais de Aprendentes, 2011. Disponível
em: <http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf>.
Acesso em: ago. 2013.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social con-
temporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André. **Comunicação das coisas**: a teoria ator-Rede
e cibercultura. São Paulo: Anablume, 2013.

NASCIMENTO, Anderson. **Metodologia ou
Tecnologia?** Disponível em: <[https://www.youtube.com/
watch?v=QzwNpyoX1xk](https://www.youtube.com/watch?v=QzwNpyoX1xk)>. Acesso em: ago. 2013, 1 vídeo.

SANTOS, Elisio Roberto dos; VARGAS, Herom; CARDOSO,
João Batista. Inovações na linguagem e na cultura midiática. In:
SANTOS, Elisio Roberto dos; VARGAS, Herom; CARDOSO,

João Batista. (Orgs). **Mutações da cultura midiática**. São Paulo: Paulinas, 2009, p.19-42. (Coleção comunicação & cultura).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: Do pensamento único à Consciência Universal. 10.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

TORO, José Bernardo. **Os códigos da modernidade**. Trad. Antônio Carlos da Costa. Colômbia: Fundação Social, 1997.